

Violência obstétrica atinge quase metade das mães no SUS, mas é normalizada

(Folha de São Paulo | 30/03/2021 | Por Angela Boldrini)

Quase metade das [mulheres brasileiras](#) que têm seus filhos pelo sistema público de saúde são alvos de um tipo de agressão invisibilizada, a violência obstétrica. Apesar disso, essa [violência](#) não tem tipificação penal, não é reconhecida pelo [Ministério da Saúde](#) e segue sendo vista como um aspecto cultural do parto, com baixo índice de denúncias. Além disso, não há serviços de saúde específicos para vítimas.

De acordo com a pesquisa Nascido no Brasil, 45% das gestantes [atendidas pelo SUS](#) no parto são vítimas de maus-tratos. No total, 36% das mães passam por tratamento inadequado. E, apesar de todas as pessoas gestantes (incluindo homens [transexuais](#)) estarem sujeitas a maus-tratos, há um grupo de risco. São as negras, pobres, grávidas do primeiro filho, jovens e em trabalho de parto prolongado.

O estudo, que entrevistou quase 24 mil mães entre 2011 e 2012 e é a maior pesquisa sobre nascimentos já feita no país, considerou como violência obstétrica agressões verbais e psicológicas, tratamento desrespeitoso, falta de respeito durante exames e de transparência de informação, impossibilidade de fazer perguntas e de participar das decisões.

[**Acesse a matéria completa no site de origem.**](#)